

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ- REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

MANAUS NO OLHAR DAS CRÔNICAS DE  
*JOSÉ RIBAMAR BESSA FREIRE*

Lilian Lima da Silva

MANAUS-AM  
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ- REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL  
PIB-H-056

MANAUS NO OLHAR DAS CRÔNICAS DE  
*JOSÉ RIBAMAR BESSA FREIRE*

Discente: Lilian Lima da Silva  
Orientador: Prof. Dr. Esteban Reyes Celedón

MANAUS-AM  
2015

## RESUMO

A crônica existe como gênero literário desde a Idade Antiga como podemos constatar na Bíblia, como registro de eventos ocorridos. Com a invenção da imprensa no século XIX, a crônica passou a retratar a realidade social, a política, os costumes e o cotidiano sendo publicada em jornais e folhetins da época. Utilizando uma linguagem simples, oral, informal, coloquial, espontânea para aproximar o leitor, ela requer de seu autor técnicas apuradas de jornalismo e de literatura. A cidade de Manaus conta com um número significativo de cronistas, alguns de renome nacional que nos agradam com seus textos publicados seja em jornal e/ou Internet. O objetivo desta pesquisa é analisar as crônicas escritas por José Ribamar Bessa Freire que retratam a cidade de Manaus e seus habitantes/personagens. A metodologia será de pesquisa e leitura reflexão de crônicas selecionadas no blog no autor, publicadas no ano de 2013.

**Palavras-chave:** Crônicas urbanas; Crônicas manauaras; José Ribamar Bessa Freire.

## RESUMEN

La Crónica existe como un género literario desde la Edad Antigua como podemos constatar en la Biblia como un registro de eventos ocurridos. Con la invención de la prensa en el siglo XIX, la crónica pasó a retratar la realidad social, la política, las costumbres y la vida cotidiana; eran publicadas en los periódicos y panfletos de la época. Usa un lenguaje sencillo, oral, informal, coloquial, espontánea para aproximar el lector; ella requiere de su autor técnicas refinadas del periodismo y de la literatura. La ciudad de Manaus tiene un número significativo de cronistas, algunos de renombre nacional que nos galardonan con sus textos publicados tanto en periódicos o Internet. El objetivo de esta investigación es analizar las crónicas escritas por José Ribamar Bessa Freire que retratan la ciudad de Manaus y sus habitantes/personajes. La metodología será de investigación y lectura reflexión de Crónicas seleccionada en el blog del autor, publicadas en 2013.

**Palabras-clave:** Crónicas Urbanas; Crónica Manauaras; José Ribamar Bessa Freire.

## SUMÁRIO

<b>SUMÁRIO</b> .....	<b>5</b>
<b>1.INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>2.CRÔNICAS NO BRASIL</b> .....	<b>7</b>
2.1. A crônica Manauara .....	8
<b>3. JOSÉ RIBAMAR BESSA FREIRE</b> .....	<b>9</b>
3.1.Características das crônicas.....	10
3.2.Análise da crônica “A guerra em Iranduba” .....	11
3.3.Análise da Crônica Baú velho – um museu do futebol.....	12
3.4.Análise da crônica: Stradelli as vozes da floresta .....	13
<b>4.CONCLUSÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>FONTES E REFERÊNCIAS</b> .....	<b>16</b>
<b>CRONOGRAMA EXECUTADO</b> .....	<b>17</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Para a total compreensão da crônica é importante primeiramente a definição da origem da palavra, que vem do grego *chronikós*, que em suas diversas variantes remetem a tempo. Já pelo latim *chronica* está vinculado a um gênero literário adotado no começo da era cristã, usado para registrar a realidade e determinados acontecimentos da época de forma cronológica. Na Idade Antiga, a crônica como gênero literário pode ser encontrada na Bíblia em dois livros, I e II Crônicas respectivamente. Já com o advento da imprensa no século XIX, houve o aumento da divulgação de textos literários e a crônica passou a ser publicada em jornais e folhetins da época retratando a realidade social, os costumes e o cotidiano da vida nas cidades.

Massaud Moisés (1988), nos leva a compreender esse momento histórico em que o surgimento das crônicas ocorreu pela publicação de folhetins por Julien-Louis Geoffroy em 1799 no *Journal de Débats* na cidade de Paris, sendo essa uma forma rudimentar de crônica.

Nessa época as crônicas eram chamadas de “folhetins” e apareciam em rodapés dos jornais, segundo Coutinho (1997).

Os folhetins eram definidos como uma seção em que usando uma linguagem simples, os escritores comentavam os acontecimentos em geral. Com o decorrer do tempo passaram a ser chamadas de “crônicas” sendo então designada como um gênero literário específico.

Os escritores usavam as crônicas para registrar os fatos contemporâneos de modo literário ou jornalístico. Essa característica coloca as crônicas entre esses dois gêneros literários, além disso, o cronista inclui um toque próprio adicionando em seu texto elementos como ficção, fantasia e criticidade. Utilizando uma linguagem simples, oral, informal, coloquial e espontânea para aproximar o leitor, ela requer de seu autor técnicas apuradas de jornalismo e de literatura. O cronista pode transmitir uma aparente superficialidade para desenvolver o tema, como que por acaso, usando as potencialidades da língua, buscando construção frasal que tenha várias significações.

A linguagem informal utilizada no cotidiano, sob o toque de um cronista, passa a ser a elaboração de um diálogo entre o cronista e o leitor ganhando assim dimensão e profundidade. A interlocução do coloquial e o literário permite que o lado sensível permaneça como fator provocador de um determinado tema para a posterior reflexão do leitor de um acontecimento do dia-a-dia que poderia passar sem ser notado.

A capital Manaus conta com vários cronistas que publicam suas crônicas em jornais e/ou Internet. O Amazonense José Ribamar Bessa Freire é um deles, jornalista e historiador, publica suas crônicas regularmente desde a década de 60.

Bessa Freire se destaca por ter uma narração simples, envolvente e de alta qualidade, que sabe exatamente onde quer chegar. Ele atrai o leitor convidando-o a fazer as reflexões filosóficas, críticas sociais e políticas que estão presentes em suas crônicas sobre a cidade de Manaus.

Esta pesquisa tem por objetivo analisar as crônicas escritas por José Ribamar Bessa Freire que retratam principalmente a cidade de Manaus e seus habitantes/personagens, estudar o momento histórico, social, cultural e artístico do século XXI e detalhar com o máximo de clareza possível, a relevância, destas crônicas para a época. A metodologia da pesquisa está embasada em literatura, pesquisa em jornais e consultas on-line acerca da visão da cidade de Manaus contida nas crônicas selecionadas disponíveis no seu blog, publicadas no ano de 2013.

## **2. CRÔNICAS NO BRASIL**

O marco inicial de inauguração de nosso processo literário, sob a linguagem de nossos descobridores que chegavam a Terra de Vera Cruz, contida na Carta de Pedro Vaz de Caminha a el-rei D. Manoel. Essa obra recria e registra o contato direto com os índios e seus costumes, transparecendo o impacto da diferença entre a cultura europeia e a cultura indígena. Conforme consta em Caminha (apud, Braga, 1981, p.25-6):

[...] mandou que o capitão a Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias que fossem em terra e levassem aqueles dois homens e os deixassem ir com os seus arcos e setas.

Esse relato é fiel às circunstâncias, em que todos os elementos são significativos para que o texto transpareça a dimensão dos detalhes de maneira marcante. Caminha estabelece desta forma o princípio básico da crônica, que é o registro dos acontecimentos, neste caso o descobrimento de uma “nova Terra”.

Coutinho (1997) afirma que a crônica brasileira começou com um folhetim no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro de autoria de Francisco Otaviano de Almeida Rosa e que José de Alencar colocou a crônica na mais alta categoria intelectual, transformando de maneira hábil o que era repulsivo em representações de encantamento e beleza.

Machado de Assis retratou acontecimentos da época e deixou uma grande quantidade de crônicas.

O autor Paulo Barreto, merece destaque, sob o pseudônimo de João do Rio, iniciou a crônica social moderna.

Álvaro Moreira exteriorizava suas impressões do mundo, com muita sensibilidade sua arte exerceu influencia em escritores da primeira geração modernista como Rubens Braga. As crônicas de Braga se destacam por dar pouca importância aos fatos do dia-a-dia mas preferindo a divagação pessoal, sendo suas crônicas poemas em prosa.

Grandes autores contribuíram para a produção de crônicas como gênero literário, tais como: Joaquim Manuel de Macedo, Quintino Bocaiúva, Raul Pompéia, França Júnior, Aluísio Azevedo, Artur Azevedo, Olavo Bilac, José do Patrocínio, Humberto de Campos, Coelho Neto, Manuel Antônio de Almeida, Gonçalves Dias, Lima Barreto, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade entre outros.

## **2.1. A crônica Manauara**

A capital do Estado do Amazonas, desde o tempo em que era chamada de *belle époque* tem sido objeto de inspiração para vários escritores seja eles cronistas ou não. Os cronistas em especial retiram os fatos que acontecem no cotidiano da cidade, e trabalham a crônica criando assim uma expressão literária única quer seja no registro dos acontecimentos do cronista quer seja na criação de personagens com um toque ficcional.

Dentre os vários autores existentes, consideramos relevante citar Mário Ypiranga Monteiro, que escreveu o livro *O escorpião Rei* que continha crônicas histórico-novelescas publicado em 1950.

Com o advento de novas tecnologias de comunicação a crônica se expandiu para além do jornal, ganhando espaço nas novas mídias atingindo uma parcela maior da população. A Rádio Difusora inovou ao inaugurar pela voz de Josué Cláudio de Souza a crônica diária para os ouvintes manauaras. Hoje as crônicas dispõem de espaço em jornais online, sites e blogs, muitas vezes dos próprios autores, o que contribui para a divulgação deste gênero literário.

### 3. JOSÉ RIBAMAR BESSA FREIRE

José Ribamar Bessa Freire é natural de Manaus. Atualmente é professor da Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNI-Rio), onde orienta pesquisas de doutorado e mestrado; também lesiona na Faculdade de Educação da UERJ, onde coordena o Programa de Estudos dos Povos Indígenas; mantém o site “[Taqui Pra Ti](#)” e tem uma coluna no jornal Diário do Amazonas.

Obteve os diplomas de professor normalista pelo Instituto de Educação do Amazonas (1965), de graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1969), de Especialização em Sociologie du Développement pelo IRFED, França (1971-72) e de Doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2003). Coursou o doutorado em Historia na École Des Hautes Études en Sciences Sociales, EHESS, França (1980-83). Foi professor no Programa de Maestria da Universidad Nacional de Educación, em Lima, da Faculdade de Educação da PUC-Peru e da Universidad Particular Ricardo Palma (1974-1976), bem como professor da Universidade Federal do Amazonas (1977-1986).

Ministrou módulos em cursos de pós-graduação de várias universidades públicas: UFAM, UFAC, UFRr, UFF, UFG, na Escola da Magistratura (EMERJ) e em Licenciaturas Interculturais: UFSC, UFMG, UEA. Ministra cursos de formação de professores indígenas em diferentes regiões do Brasil, assessorando a produção de material didático. Membro do Comitê Editorial e parecerista de várias revistas especializadas. Desenvolve pesquisas na área de História, com ênfase em História Social da linguagem, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura oral, memória, patrimônio, fontes históricas, história indígena, línguas indígenas e Amazônia.

Escreveu, organizou e coorganizou vários livros, entre os quais *Rio Babel - a história das línguas na Amazônia* (2011-2ª edição), *Políticas de línguas no novo mundo* (2012), *Essa Manaus que se vai* (2012), *Línguas Gerais - Política Linguística e Catequese na América do Sul no Período Colonial* (2003), *Os Aldeamentos indígenas do Rio de Janeiro* (2009 – 2ª edição), *Os índios em Arquivos do Rio de Janeiro* (1995-1996), *A Amazônia no período colonial* (2008 – 7ª edição), *Cem anos de Imprensa no Amazonas* (2ª edição 1990), além de capítulos de livros e artigos em revistas especializadas no Brasil, Perú, México, Venezuela, França, Alemanha, Itália e Japão.

José Ribamar Bessa Freire utiliza diversas temáticas em suas crônicas, como meio ambiente, política, Manaus, Brasil, educação, cultura, etc. O autor usa as crônicas como instrumento de crítica contras as mazelas da cidade e injustiça social.

### **3.1. Características das crônicas**

A crônica como gênero literário procura narrar fatos do cotidiano que são geralmente de cunho jornalístico utilizando uma linguagem simples trazendo a visão pessoal do cronista do mundo através de ideias, conceitos e sentimentos que são transmitidos através da linguagem escrita para o leitor.

A forma é, portanto meio pelo qual o escritor tem a atenção do leitor. A FORMA envolve os elementos de construção do texto literário: o vocabulário, a sintaxe a sonoridade, as imagens materiais, a disposição das palavras no papel.

As chamadas crônicas-informação divulgam fatos do dia-a-dia tecendo sobre eles comentários breves.

Isso é marcante nas crônicas de Freire, que utiliza textos relativamente curtos para descrever e informar o leitor sobre esses acontecimentos que muitas vezes passam despercebidos pela população levando assim o leitor á uma profunda reflexão sobre a temática abordada e o sobre o comportamento humano.

É notável que, na maioria de suas crônicas, Freire envolva questões políticas, sociais, temática indígena, memórias e a realidade. Por diversas vezes em suas crônicas, posicionando-se a favor das massas menos favorecidas ou perseguidas pelo Estado e outras instituições\agentes. “Mas afinal o que seria esse ‘suposto índio’, que nunca é ouvido? É uma categoria criada para esconder um problema antigo - a distribuição de terra na região Metropolitana de Manaus.”

Em seus textos literários Freire menciona datas, lugares e acontecimentos e circunstâncias do mundo real. Usando com frequência a comparação, metáfora e a ironia como instrumentos linguísticos para imprimir seu olhar das coisas conferindo uma visão mais profunda sobre os acontecimentos relacionados á cidade de Manaus dando ao leitor um texto rico e trabalhado.

Em alguns de seus textos Freire descreve um breve fato ou acontecimento para contextualizar o leitor sobre a temática de sua crônica que é trabalhada com maestria no decorrer do texto.

Na crônica “Stradelli: as vozes da floresta”, Freire tece um breve histórico da vida e carreira do conde Stradelli como pano de fundo, para noticiar uma exposição e outros eventos científicos sobre o explorador italiano. “O rio fala, a floresta fala e os índios falam através das fotos que o conde italiano Ermanno Stradelli (1852-1926) fez na Amazônia, no século XIX.”

Freire usa uma linguagem simples, mas direta de alta qualidade revelando habitantes e personagens da cidade de Manaus bem como o contexto sociocultural vigente.

### **3.2. Análise da crônica “A guerra em Iranduba”**

Esta crônica faz parte do grande acervo de crônicas de Freire disponível no seu blog “Taqui pra Ti”, organizada segundo o próprio autor em temas relacionados com a cidade de Manaus. Foi também publicada no jornal O Diário do Amazonas em 29/09/2013. A crônica relata sobre uma reintegração de posse da terra para retirar indígenas que ocorreu no município de Iranduba.

Iranduba é um município localizado no Estado do Amazonas, que atualmente pertence à recém criada Região Metropolitana de Manaus. O município está situado na margem esquerda do Rio Solimões na confluência com o Rio Negro e fica a 22 quilômetros de distância de Manaus. Partindo de Manaus o acesso ao município se dá pelo Porto de Manaus ou por via terrestre atravessando a Ponte Rio Negro. Cacau Pirêra é um distrito do município de Iranduba.

A crítica do cronista fica evidente já no título na crônica. A crônica se inicia contextualizando a realidade e conta sobre a habitante Maria que foi uma das vítimas da operação de reintegração de posse da terra. Traz ainda bastante ironia como pode-se notar em: “As notícias, como regra geral, registraram uma ‘operação pacífica’ de reintegração de posse da terra, com atuação ‘exemplar’ do Estado que colocava um ponto final na indústria da invasão. O importante era que os ‘supostos índios’ saíssem de lá.”

Nesta crônica Freire faz uma crítica social sobre quem tem o real direito à posse da terra, critica de modo veemente a ação violenta por parte dos policiais na operação “pacífica” e faz uma comparação destes com a ação dos bandeirantes quando “descobriram” o Brasil, expulsando e dizimando a população nativa de índios que dispunham para se defender de arcos e flechas enquanto que os “civilizados” possuíam armas. Também critica os meios jornalísticos que supostamente noticiam os fatos de acordo com os interesses da elite dominante.

O autor critica essa situação e ironiza o fato de existir os chamados “supostos índios”, grilagem e distribuição de terras e injustiça social, e violência policial, omissão por parte da imprensa manauara. Na visão do autor o Estado tende a sempre favorecer os interesses de particulares em detrimento de grupos étnicos e minorias.

Por fim o cronista termina com um apelo para a intervenção na situação de determinados políticos locais e também sugere que os amazonenses tomem uma posição mais ativa, “os amazonenses deviam infernizar a vida do Omar Aziz”, Governador do Estado do Amazonas na época do incidente.

### **3.3. Análise da Crônica Baú velho – um museu do futebol**

Crônica publicada no Jornal Diário do Amazonas em 11/08/2013.

O texto informa sobre o falecimento do conhecido jornalista esportivo manauara chamado Carlos Zamith, que publicava semanalmente sua coluna Baú Velho. “Tinha 87 anos, 60 anos dos quais dedicados ao jornalismo esportivo. Despediu-se há duas semanas, deixando na orfandade uma legião de leitores fieis que o seguiam, com fidelidade canina, a cada domingo, religiosamente, como quem vai a missa.”

Freire cita na crônica o Beco do Macedo que hoje é o bairro Nossa Senhora das Graças localizado na zona centro-sul de Manaus, formado pela união de várias comunidades e conjuntos. O bairro antes era somente um conhecido como Beco do Macedo devido a um morador chamado Alfredo Coelho Macedo que ficou tão conhecido pelos outros moradores que ali se instalaram que o lugar passou a ser chamado Beco do Macedo.

Na crônica Freire também cita o Parque Amazonas um estádio de futebol localizado nas proximidades do Bairro citado, local onde eram realizadas atividades desportivas e culturais para a comunidade.

O cronista faz uma comparação entre as memórias e a paixão relacionadas ao futebol que fazem com que as memórias não se percam com tempo, com as memórias preservadas na coluna O Baú Velho.

Freire destaca que a manutenção de memórias se dá principalmente pela tradição oral em discursões acaloradas sobre arbitragem, dribles e firulas dos apaixonados por futebol sobre partidas de clássicas do esporte realizadas em esquinas e butecos da cidade de Manaus.

O autor ironiza a questão cultural de que os fatos relacionados ao futebol não são esquecidos tão facilmente, o mesmo não se pode dizer de assuntos mais relevantes como a

política, a educação e a economia do Brasil, que com frequência são esquecidos pela maioria da população.

Freire informa que Zamith aprofundou suas pesquisas no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas que está localizado no centro de Manaus na zona centro-sul e abriga a biblioteca Ramayana de Chevalier, com mais de 100 mil livros, um arquivo e um museu com peças raras e também na Biblioteca Pública localizada no centro de Manaus reunindo informações sobre as escalafões de times, renda e arbitragem dos jogos.

A crônica destaca ainda a habilidade do jornalista de ilustrar os jogadores nos mínimos detalhes utilizando a escrita, imortalizando eventos e atletas do futebol perpetuando a memória pela reunião de informações. ‘‘O desenho do perfil dos craques que faz é uma pintura, para ilustrar basta o exemplo do Boanerges, lateral do Nacional nos anos 1950.

O clube de futebol foi criado em 13 de Janeiro de 1913, fundou-se em uma casa familiar localizada na Avenida 7 de Setembro, próximo a Prefeitura Municipal, uma associação esportiva com o nome Eleven Nacional. Mas tarde Somente em 1930, na Rua Saldanha Marinho é que o Onze passou a denomina-se Nacional Futebol Clube.

O autor termina a crônica fazendo um apelo para que as memórias contidas no Baú não sejam esquecidas e perdidas, e relata proposta ainda a ser aprovada para que o acervo do Baú seja tombado como patrimônio pelo Governo do Estado e musealizado, criticando Freire ainda o fato de que Museus são instituições a serviço da cultura e da população e não a serviço de interesses de particulares ou políticos.

### **3.4. Análise da crônica: Stradelli as vozes da floresta**

A crônica foi publicada originalmente no jornal Diário do Amazonas em 11/08/2013.

Freire inicia informando sobre a série de fotos que o conde italiano Stradelli fez da Amazônia no século XIX, noticia também sobre uma exposição que seria realizada em São Paulo pelo Instituto Italiano de Cultura no Memorial da América Latina.

A partir daí, o autor informa o leitor sobre a carreira e vida de Stradelli que saiu da Itália para passar a vida viajando pelos rios do Amazonas tirando fotos, mapeando a região e recolhendo material ornitológico e entomológico, farmácia portátil e registrou a cultura indígena e a topografia da Amazônia em diversas viagens que realizou na região.

Também cita o autor Luís Câmara Cascudo, que foi responsável pela publicação de uma biografia ‘‘Em memória de Stradelli’’ editada em 1936.

Na crônica o leitor fica sabendo que Stradelli reuniu material suficiente para o dicionário Nheengatu-Português, Português-Nheengatu.

Nheengatu é a língua geral amazônica derivada é uma língua derivada do tronco tupi. Pertence à família linguística tupi-guarani. Freire lamenta que apesar da imensa contribuição que o conde deu para o Amazonas e para a sociedade em geral com suas descobertas este morreu solitário quase no esquecimento na capital Manaus que foi ponto de partida para muitas de suas viagens.

O autor enfatiza a maneira singular com que Stradelli fazia para se integrar à cultura indígena adotando a estratégia de participar de suas tradições e do seu dia-a-dia. “...deixou que os índios pintassem seu corpo e dançou convictamente com eles na maloca de Miriti-Cachoeira”.

Por fim, o autor retoma a notícia do evento a ser realizado em São Paulo e cita diversos especialistas convidados para discutir sobre as imagens de Stradelli.

#### 4. CONCLUSÃO

A crônica como gênero literário sem dúvida reflete a realidade social na qual a sociedade se insere, e possui como característica a transitoriedade, pois como foi apresentado no decorrer desta pesquisa, as crônicas são publicadas em meios transitórios como os jornais e revistas. Mesmo sendo um texto relativamente curto, as crônicas requerem que o autor seja talentoso para chamar a atenção do leitor e despertar sua reflexão sobre situações que ocorrem na cidade.

As crônicas de Freire aqui estudadas possuem como característica abordarem assuntos relacionados à cidade de Manaus e evidenciam sua subjetividade, mantendo um diálogo com o leitor apresentando crônicas informativas trazendo datas, nomes, eventos sobre uma determinada circunstância.

O autor utiliza analogias e a ironia nos textos analisados e por vezes assume um posicionamento crítico beirando a rebeldia política.

Outras reflexões devem ser realizadas sobre esta temática visto que as crônicas são um espelho do momento histórico, social, cultural e artístico do século XXI.

## FONTES E REFERÊNCIAS

BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. Crônica: história, teoria e prática. São Paulo: Scipione, 1993.

BESSA FREIRE, José Ribamar. Crônicas. Disponível em: <<http://www.taquiprati.com.br/>>. Acesso em: 27 mar.2014.

CAMINHA, Pedro Vaz de. Carta a El Rey Dom Manuel. Apresentação de Rubem Braga. Rio de Janeiro: Record, 1981.

CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade: estudo de história e teoria literária. São Paulo: Nacional, 1985.

COUTINHO, Afrânio. (Dir.). A Literatura no Brasil. 4.ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 1997.

MEDEL, Manuel Angel Vásquez. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002.

MOISÉS, Massaud. A Criação Literária – prosa. São Paulo: Cultrix, 1988.

MOISÉS, Massaud. Guia prático de análise literária. São Paulo, Cultrix, 1970.

NACIONAL FUTEBOL CLUBE. Disponível em: <<http://www.nacionalfc.com.br/home.php?pg=historia.>> Acesso em: 21.jul.2015.

PINTO, Zemaria. Palavra do fingidor: Ensaio, contos & prosa. Disponível em: <<http://palavradofingidor.blogspot.com.br/2011/07viver-uma-apresentação12html>>. Acesso em: 28.mar.2014.

SÁ, Jorge de. A Crônica. São Paulo: Ática, 2005.

SOARES, Angélica. Gêneros Literários. 6 ed. São Paulo: Ática, 2003.

